

# BAKHTIN, JOYCE E GALINDO: AS DIFERENTES VOZES NA TEORIA, NO ORIGINAL E NA TRADUÇÃO<sup>1</sup>



FABRÍZIA CARVALHO RIBEIRO

**Resumo:** Em 1922, a publicação de *Ulysses*, de James Joyce, nos trouxe aquele que ficaria conhecido como o grande romance do século XX. Igualmente relevante nesse século, no campo da teoria literária, foi Mikhail Bakhtin, filósofo russo que desenvolveu estudos acerca do romance e de seus mecanismos intrínsecos. Caetano Galindo, professor da UFPR, em sua tese de doutoramento sobre os trabalhos de Joyce e Bakhtin, buscou verificar em que medida o esquema bakhtiniano de análise da narrativa literária se adéqua ao estudo dos mecanismos de representação do discurso e ao convívio entre personagens e narrador no romance de Joyce. O que determina o trajeto deste artigo é, em alguma medida, reverter as relações instrumento-objeto, fazendo o romancista ler o crítico, avaliando que tipo de relações entre autor-narrador, narrador-personagens, personagens-personagens podemos encontrar em *Ulysses* e, além disso, o que se pode encontrar em Bakhtin que corrobora essas impressões. O ob-

**Abstract:** In 1922 the publication of *Ulysses* by James Joyce brought us the book that would be known as the greatest novel of the twentieth century. Equally important in that century, in the field of literary theory, was Mikhail Bakhtin, a Russian philosopher who developed studies about the novel and its inherent mechanisms. Caetano Galindo, a professor at UFPR, in his PhD thesis on the work of Joyce and Bakhtin, sought to verify the extent to which the bakhtinian model of analyses of literary narrative suited the studies around the representation of speech, and the contact between characters and narrator in Joyce's novel. The purpose of this paper is, in a certain sense, to invert the relation between the novelist and the theorist by assessing what type of relations between author-narrator, narrator-characters and characters-characters can be found in *Ulysses*; moreover, to assess what can be found in Bakhtin that corroborates those impressions. The aim is to deepen the discussions

---

<sup>1</sup> Este artigo foi redigido com base no relatório de pesquisa apresentado à Coordenação

jetivo é aprofundar as discussões encontradas em Galindo (2006) e verificar as eventuais conclusões que aquele trabalho apresenta. Partindo do original, na tentativa de transpor o texto para outra língua, o tradutor necessariamente se vê diante das mesmas questões que se apresentaram ao autor. E Galindo, tradutor e crítico, acredita ser capaz de ter uma apreensão mais adequada das dificuldades que Joyce, por ventura, inseriu no seu original, bem como uma noção mais aperfeiçoada das especificidades dessa mesma empresa. Assim, resta saber quanto dos processos analisados em Galindo (2006) teriam sido efetivamente bem respondidos pela tradução, ainda inédita, que ele propôs.

**Palavras-Chave:** Joyce, Ulysses, Bakhtin, Galindo, tradução

found in Galindo (2006) and analyse the conclusions of his work. Having the source text as the starting point in his attempt to transfer the text into another language, Galindo necessarily sees himself faced with the same issues that were presented to the author. Galindo, translator and critic, believe it to be possible for him to have an appropriate comprehension of the difficulties that Joyce inserted into his text, as well as a more refined notion of the specificities of that practice. Thus, it remains to be verified if the processes analysed in Galindo (2006) have been effectively answered by the translation – still unpublished – that he proposed.

**Keywords:** Joyce, Ulysses, Bakhtin, Galindo, translation

Partindo de um interesse pessoal pelo romance *Ulysses* de James Joyce e do conhecimento do grandioso trabalho que o Prof. Caetano Galindo desenvolveu sobre a obra (GALINDO, 2006) é que se iniciou o projeto que resultou neste artigo. A idéia era voltar àquele texto e investigar em quais pontos, de fato, seria possível retomar a discussão desenvolvida por Galindo, buscando verificar se as questões levantadas eram pertinentes em contraste com a análise da tradução do romance. O que pretendíamos era verificar a validade da discussão de Galindo com base em suas duas propostas:

1. considerando a ausência de reflexão sobre a obra de James Joyce em Mikhail Bakhtin (embora, pelo menos para nós, parece que essa relação seria fundamental para os estudos literários, pois o romancista aparenta representar o exemplo perfeito das descrições do teórico.), Galindo fez a aproximação dos dois autores; e, mais do que isso, alternativamente, ele propõe uma inversão na relação instrumento-objeto.

Sua intenção é foi fazer com que o romancista lesse o crítico, e não o contrário. Para tanto, Galindo buscou inferir a partir da obra literária uma “teoria do romance”, para, posteriormente, verificar se a teoria derivada da obra poderia ser aplicada aos conceitos provenientes da teoria.

2. em seguida, tomando a “teoria do romance” que foi possível inferir de *Ulysses*, ele partiu para a tradução do romance joyceano, direcionando seu trabalho com base nas impressões que foram provenientes da própria obra.

Em algum momento desta pesquisa cumpre também levar em consideração os interesses e motivos que engajaram Galindo nessa empresa. Consideramos esses fatores externos como pontos de grande influência no resultado do trabalho do tradutor. No caso presente, é possível verificar que Galindo obteve sucesso nos seus dois objetivos: derivar a partir da obra uma teoria própria sobre o romance e fazer uma tradução que levasse em consideração as especificidades do texto joyceano.

Entre leituras de teses de doutoramento, romances originais, traduções, fortuna crítica e muitas conversas, várias impressões foram aparecendo ao longo de todo o período do projeto, sempre no sentido de tentar verificar se tais impressões – a interpenetração de vozes no texto joyceano, o emprego de vocabulário específico, a textura poética aplicada ao texto – condiziam com a discussão encontrada em Galindo (2006). Para tanto, considerando que, em alguma medida, já tinha estabelecido um contato com o romance joyceano, foi necessária uma primeira leitura da tese de doutoramento que norteou este projeto. Foi preciso seguir, em paralelo, com a leitura específica de textos bakhtinianos, por conta de meu desconhecimento da sua teoria geral, e mais especificamente, sobre o seu trabalho com o gênero do romance. A leitura dos textos de – e sobre – Mikhail Bakhtin, sua biografia, a compreensão do círculo de Bakhtin, e a questão da autoria dos trabalhos publicados foram de extrema relevância para a pesquisa. Bem como a leitura e consulta de algumas obras caras ao trabalho de Galindo, como por exemplo, *Ulysses Annotated*, de Don Gifford, para consultas específicas da letra joyceana, ou *Quase a mesma coisa*, de Umberto Eco, que relata as mais diversas experiências de traduções.

O projeto também contou com reuniões com os colegas e o orientador, nas quais foi possível trocar experiências pessoais sobre a tradução que cabia a cada um. Em alguma medida as outras traduções disponíveis em português do Brasil (a primeira de Antônio Houaiss, seguida pela tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro) foram usadas como instrumento de comparação para verificar quais foram as soluções dos outros tradutores diante de trechos mais “difíceis” de serem traduzidos. No entanto, é importante ressaltar que esse método comparativo serviu somente como

forma de verificar soluções possíveis para um mesmo texto; em momento algum tal comparação foi usada para se emitir juízos de valor com o fim de determinar o sucesso de uma tradução em detrimento de outra, pois entende-se que esse tipo de avaliação é, antes de qualquer coisa, subjetivo.

Após todas as leituras e algumas discussões prévias foi possível começar a tentativa de verificar as questões apresentadas por Galindo (2006), principalmente quanto às duas propostas apresentadas acima. O que segue nas próximas linhas é um pouco do que pôde ser assimilado durante o projeto, visando mostrar que foi possível aprofundar as discussões de Galindo, como prevíamos no início da pesquisa; e que este, como tradutor, cumpriu seu projeto de tradução de forma eficaz.

### Os *Ulysses* Brasileiros

Um dos textos mais interessantes para nosso trabalho, além dos textos teóricos mais gerais mencionados na seção anterior, foi a dissertação de mestrado de Maria Teresa Quirino, intitulada *Uma odisséia tradutória do Ulysses: análise das traduções da obra de James Joyce*, apresentada na Universidade de São Paulo, em 2007. Neste trabalho, Quirino parte do conceito proposto por André Lefevere “de literatura traduzida enquanto textos refratados” para analisar alguns aspectos da publicação e recepção de diversas traduções de *Ulysses*, a saber, as traduções em português, francês e espanhol, no Brasil, em Portugal, na França e na Argentina.

Circunstancialmente, no entanto, as questões abordadas naquele trabalho não são especialmente relevantes aqui. Primeiro porque as traduções brasileiras que ela discute e comenta são as de Antônio Houaiss e Bernardina da Silveira Pinheiro, as quais ocupam um lugar secundário neste trabalho. Segundo porque boa parte da sua discussão se baseia em alguns conceitos dos Estudos da Tradução, tais como os de *domesticação* ou *estrangeirização, que não são usados aqui*. Também porque há um grande espaço dedicado às escolhas lexicais dos tradutores, principalmente quanto às traduções brasileiras do *Ulysses*, o que resulta em apontamentos muito específicos, que não se encaixam no modelo deste trabalho. Por fim, como parte do trabalho de Quirino é analisar aspectos da recepção das traduções do *Ulysses* em diferentes países, ela se detém longamente sobre a história das traduções, processos editoriais, a formação dos tradutores, o envolvimento desses com a obra de Joyce etc. Cito aqui um trecho em que Umberto Eco comenta este tipo de estudo:

É muito importante estudar a função que exerce uma tradução na língua de chegada. Porém, desse ponto de vista, a tradução transforma-se em um problema interno à história dessa cultura e todos os problemas lin-

güísticos e culturais colocados pelo original tornam-se irrelevantes. (ECO, *Quase a mesma coisa*, p. 201)

As conclusões de Quirino (2007) são uma grande colaboração para a fortuna crítica brasileira de *Ulysses*. A autora desenvolveu um trabalho de fôlego ao propor a análise de sete traduções diferentes de uma mesma obra, um trabalho repleto de comentários de críticos conceituados e impressões do público e da imprensa no momento da recepção da tradução. No entanto, nosso trabalho, especificamente, lidou com o que Quirino apresentava apenas como uma proposta de análise, a qual, em um segundo momento, poderia ser aplicada ao trabalho de Galindo, o que ainda não havia sido contemplado em sua tese.

A formação do tradutor é aqui considerada um fator externo relevante (e por que não fundamental?) para o processo tradutório. O tradutor em exame, Caetano Galindo, é acadêmico, linguista e leitor de Joyce. Os outros dois tradutores para o português do Brasil já tinham algum contato com a obra de Joyce; Pinheiro, inclusive, é uma estudiosa de sua obra. No entanto, nenhum dos dois é tradutor *de carreira*, considerando suas poucas traduções que foram publicadas aqui e ali. Galindo tem mais experiência com traduções do que aqueles, mas reconhece que não traz consigo – semelhantemente à maioria dos tradutores – uma formação teórica muito consistente.

Quando sentei para, durante dois anos, diariamente, traduzir o *Ulysses*, confesso que tinha pouco, quase nenhum amadurecimento teórico das questões da tradução. (Galindo, 2006, p. 5, volume II)

Há-se de considerar também que Galindo pôde contar com uma fortuna crítica que é de longe maior do que aquela disponível aos outros tradutores, especialmente a Antônio Houaiss, que publicou a sua tradução nos anos 60. Contudo, Galindo teve acesso aos mesmo textos que Pinheiro. À parte isso, o resultado que encontramos no trabalho de Galindo é uma tradução “bem feita” e muito bem cuidada. O tradutor relatou em conversas pessoais que se viu diante de momentos em que foi preciso telefonar para os lugares mais inusitados para descobrir como se chamava determinado objeto. O *bem cuidada* fica por conta desse seu tipo de atitude responsiva diante do texto, que não traduziu por interesse comercial, mas sim porque traduzir lhe pareceu o modo mais adequado de investigar o texto joyceano e todas as suas minúcias. Com esse propósito, Galindo acreditou que se lançava diante do mesmo (ou *quase* o mesmo) desafio que Joyce teria enfrentado diante da escritura do original. Segundo ele, traduzir era o único modo de assimilar o livro por completo. Além disso, o *bem feita* surge também graças à fluidez que o tradutor confere ao texto (e aqui se faz necessário um grande parêntese para dizer

– se possível – que o trabalho de Galindo se entrepõe às outras duas traduções. O texto de Houaiss é famosamente conhecido como *difícil*, enquanto que a tradução de Pinheiro foi vendida como *coloquial* e *contemporânea*. O foco de sua tradução não está tanto para lá, nem para cá: Galindo não parece ter buscado a coloquialidade do texto, mas ela pode ser encontrada em várias passagens:

Ele [Buck Mulligan] se barbeava rente e cuidadosamente, em silêncio, seriamente.

Stephen, um cotovelo descansado no granito rugoso, punha a palma contra a testa e encarava a borda esgarçada da brilhante manga preta de seu casaco. Dor, que não era ainda a dor do amor, roía seu coração. Silenciosamente, em um sonho ela viera até ele depois da morte, seu corpo gasto em sua larga mortalha marrom exalando um odor de cera e de jacarandá, seu hálito, que se tinha curvado sobre ele, mudo, reprovador, um vago odor de cinzas úmidas. Pelo punho puído da camisa ele via o mar saudado como doce mãe imensa pela bemnutrida voz a seu lado. O anel de baía e horizonte continha um volume verde opaco de líquido. Uma vasilha de porcelana branca ficara ao lado de seu leito de morte contendo a bile verde estagnada que ela arrancara de seu fígado putrefaciente em ataques de vômito em altos gemidos.

Buck Mulligan limpava de novo a navalha. (Ulisses, tradução inédita de Caetano Galindo, capítulo 1, p. 3)

Também não se trata de um texto *duro* e lingüisticamente tão rico quanto o de Houaiss – onde é possível encontrar “nado setemesinho” do original *a seven months’ child* ou “um lucivelo de textipapel malva” para *a shade of mauve tissuepaper* – mas nota-se que em alguns trechos Galindo recorre à um vocabulário excêntrico que é exigido pelo original, grifo meu:

– Você podia ter se ajoelhado, dane-se, Kinch, quando sua mãe moribunda pediu, Buck Mulligan disse. Eu sou hiperbóreo tanto quanto você. Mas pensar em sua mãe implorando com seu último alento que você se ajoelhasse e rezasse por ela. E você recusou. Você tem algo de *sinistro*... (ibidem, capítulo 1, p. 2) (grifo meu)

No uso de *sinistro*, o tradutor recupera com clareza o *sinister* do texto original, que remete tanto à algo assustador, temível, quanto ao sentido de esquerdo, canhoto, que aqui serve como referência lucífera, especialmente num momento em que Mulligan relembra Dedalus de que este não atendeu o último pedido da mãe no leito de morte, que era o de que rezasse por ela.) até porque o domínio da linguagem – e aproveite-se para dizer, de línguas – de que Galindo dispõe é invejável. A começar pelo texto da tese, que como um todo é composta por mais de 1000 páginas, mas que em momento algum é uma leitura tediosa, mas, pelo contrário, divertida e estimulante. Essa característica – da qual tenho conhecimento,

claro e felizmente, pela oportunidade de ter tido contato com o tradutor do texto sobre o qual me debrucei – pode ser vista também na tradução, resultando num texto com suas dificuldades iminentes, sim (já existentes no original e que requerem, como disse o próprio Joyce, um leitor dedicado), mas que proporciona uma leitura agradável, sem comprometer o estilo joyceano.

Ainda é possível notar o tratamento de Galindo quanto à interferência de vozes no romance. Tal aspecto, que é amplamente discutido no corpo de sua tese por ser de fundamental importância nesse contexto literário, foi bem trabalhado e recuperado. Um pouco acima, no primeiro trecho que citei da tradução de Galindo, do começo do romance, é possível reparar na contaminação da voz do narrador com o discurso do personagem Stephen Dedalus. O entrelaçamento das vozes no eixo narrador-personagem é tanto que não nos é possível separar onde termina o discurso de um e começa o do outro. Supostamente o narrador descreve o horizonte de águas esverdeadas que remetem no pensamento do personagem à morte da mãe, que sofria dos rins. Assim talvez fosse possível criar uma seqüência de associações: narrador > horizonte > água esverdeada > bile > doença nos rins > mãe de Dedalus > morte > personagem, mas onde é que podemos (se é que podemos...) estabelecer a troca de vozes? Esse é o mecanismo mais recorrente no *Ulysses*. Logo é de fundamental relevância que seja recriado na tradução de modo a recuperar o efeito do original. E Galindo o faz, conseguindo efeitos muito interessantes, como podemos notar no trecho acima citado.

Como um último comentário sobre as felizes escolhas do tradutor, tratemos da transposição da textura poética do texto de partida para o texto de chegada. Joyce recorre ao uso de aliteraões, criando uma sonoridade única para algumas passagens do texto e Galindo, sempre que possível, nos recompensa com um resultado similar:

Wavewhite wedded words shimmering on the dim tide. (Joyce)

Palavras pálidas do pélago aos pares rebrilhando na turva maré. (Galindo)

e

Two shafts of soft daylight fell across the flagged floor from the high barbicans: and at the meeting of their rays a cloud of coalsmoke and fumes of fried grease floated, turning. (Joyce)

Dois feixes de macia luzdodia caíam das altas barbacãs pelo chão de lajes: e no encontro de seus raios uma nuvem de fuligem e de fumos de gordura frita flutuava, rodando. (Galindo)

### Vozes da Tradução (e da Teoria)

Particularmente, considero especialmente relevante o prefácio que Galindo faz à tradução, que segue como o grande *anexo* da tese. Trata-se de aproximadamente 30 páginas nas quais ele consegue esboçar com clareza a concepção de tradução que norteou o seu trabalho. Tal prefácio, e, portanto, as considerações pertinentes àquela tradução, foi (assumidamente) escrito após o término da tradução do livro. Contudo, o texto não perde sua importância e nem se vê menor por ter sido gerado em um momento posterior àquele em que talvez se pudesse argumentar que o autor *devesse* estar preocupado com questões pertinentes à teoria da tradução. Aliás, esta é justamente a motivação do texto.

Tentei deixar que a teorização sobre a tradução do *Ulysses* me fosse esclarecida pelo mesmo processo de tradução do *Ulysses*. (Galindo, 2006, p. 32, volume II)

Galindo, ao invés de buscar aplicar determinada teoria à tradução de *Ulysses*, fez o oposto, deixando que o próprio texto “pedisse” o processo de tradução que fosse necessário. Assim, o tradutor se deixou guiar pelas especificidades do texto joyceano.

Não abordei o *Ulysses* com o fito de confirmar ou exemplificar essa ou aquela idéia sobre a teoria e as possibilidades da tradução. Mas o fato é que realmente julgo ter saído dele (saí?) com várias e interessantes possibilidades a verificar. (ibidem, p. 32, volume II)

A partir do momento em que o tradutor se debruça exclusivamente sobre o objeto de seu trabalho e permite que esse mostre o melhor caminho a ser seguido, o corolário é uma “teoria da tradução” que pode ser aplicada especificamente à esse objeto.

E assim como acredito ter podido derivar de Joyce os esboços de uma teoria da representação da voz no romance, acredito que comecei a desenvolver, junto com o meu *Ulisses*, as bases de uma poética da tradução especificamente joyceana. De uma poética da tradução, como todo o resto deste trabalho, derivada *ex libro*, e que não tem a pretensão de servir automaticamente a qualquer outra discussão. (ibidem, p. 5, volume II)

E essa poética da tradução joyceana requer do tradutor uma certa postura diante do texto. A complexidade do texto exige do tradutor atenção e dedicação. É ele, o texto, que dita as regras; cabe ao tradutor segui-las.

Em conversa com um tradutor de longa experiência, (...) ficamos os dois bastante empolgados com o fato de que uma mesma sensação (não necessariamente das mais agradáveis) tinha nos acompanhado em nosso trabalho, em nosso convívio com Joyce. A sensação de que, não importa o que você faça, você não vai conseguir melhorar o texto joyceano, de que o máximo que você pode conseguir é perder pouco a cada momento. Mantenha-se próximo dele. Não solte da mão do texto. Não se perca. (...) Simultaneamente manter-se próximo de seu original para minorar as perdas qualitativas e, inclusive, pragmáticas, e manter-se próximo das restrições e especificidades de sua própria língua, para e com quem de fato se trabalha. (ibidem, p. 6, volume II)

Com base nessa idéia de que é a partir da obra que se constrói uma teoria da tradução, Galindo retoma Mikhail Bakhtin (V. Volochínov) e seus conceitos de *discurso citado* e *dialogismo* para discutir o tema tradução. Afirma ele que seu interesse é entender a tradução precisamente como uma forma de discurso citado. Ele defende que a tradução é também um processo de *re-enunciação*, isto é, a citação do discurso alheio que foi apropriado.

Afinal, nos esquemas convencionais que pretendem resumir a situação de comunicação representada pelo ato tradutório (...) o que vemos não é em nada diferente da prototípica situação geral da re-enunciação que caracteriza toda a esfera da apropriação do discurso alheio, de que a tradução, assim, seria um subtipo. (ibidem, p. 11, volume II)

O tradutor é o responsável por se apropriar do texto do outro (autor, narrador, personagem) e reproduzi-lo, numa língua diferente daquela na qual ele recebeu o texto, resultando assim em uma nova enunciação. Mas esse processo não é tão simples assim. Entre a recepção do texto e a nova enunciação cabe ao tradutor assimilar o texto, digeri-lo, incorporá-lo, apropriá-lo. Em outras palavras, esse é o conceito de dialogismo postulado por Bakhtin:

(...) o enunciador, para construir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. (FIORIN, Introdução ao pensamento de Bakhtin, p. 18)

Note o que Galindo diz a esse respeito:

Quando cito Joyce letra a letra, quando copio Joyce e simultaneamente me aproprio de seu texto ao extirpá-lo de seu entorno e colocá-lo a meu serviço, realizo efetivamente um processo de tradução, de deslocamento e transporte. (Galindo, 2006, p. 13, volume II)

Tendo assumido a noção de tradução como *discurso citado* e, ainda, o *dialogismo* como característica imanente do discurso, podemos imaginar a seguinte situação: um ouvinte A questiona B sobre o paradeiro de C. A resposta que B der sobre C será assimilada por A, que, se for também questionado sobre o paradeiro de C, possivelmente repetirá a resposta que ouviu de B, que inicialmente era uma enunciação de C. Confusamente tento explicar o que Galindo resume no seguinte parágrafo:

O ouvinte que recebe a narração de uma enunciação em discurso indireto confirma, no ato de citar (não necessariamente o discurso que ouviu mas) o discurso original, o pacto que permite a mesma citação original. O leitor que comenta, registra, discute ou formalmente cita um texto traduzido corrobora o mesmo pacto. (ibidem, p. 15, volume II)

Toda essa explanação foi para chegar ao ponto em que Galindo insere um possível *leitor* como um paralelo ao ouvinte que recebe a enunciação de um discurso indireto, ou seja, que recebe um discurso citado. Assim como o ouvinte, o leitor recebe um discurso citado, e quem enuncia tal discurso para ele é o tradutor. O tradutor é o responsável pelo intermédio entre o autor e o leitor final:

O tradutor é um re-enunciador que se distingue do destinatário final pelo fato de que este, na maioria dos casos, não se encontraria aparelhado para receber diretamente a mensagem original. (ibidem, p. 16, volume II)

Assim, espera-se que tenha ficado clara a intenção de discutir o prefácio de Galindo à sua tradução de *Ulysses* como um texto que, sem muitas pretensões, descreve uma poética da tradução joyceana que foi possível derivar de todo o trabalho que ele teve com a obra literária na condição de tradutor, e, ainda, mostrar a importância da introdução de conceitos bakhtinianos que exemplificam o que acreditamos ser algumas das contribuições do filósofo russo para essa discussão.

Na verdade, o que uma contemplação profunda da noção bakhtiniana de dialogismo pode fazer pela tradução é como que sublimar algumas de suas questões mais tradicionalmente cabeludas, levar a outro nível alguns de seus problemas e guiar em direções diversas a atenção do pesquisador. (ibidem, p. 22, volume II)

Finalizando, com uma última consideração de Galindo sobre a tradução de *Ulysses*:

E, repito, só posso agora chegar a essa conclusão, que me parece em tudo e por tudo mais interessante que qualquer coisa que pudesse que-

rer aplicar ao *Ulysses* porque deixei que ele me mostrasse seu caminho.  
(*ibidem*, p. 33, volume II)

Num ambiente em que muitos dos estudos acerca da tradução se baseiam em questões relacionadas ao tópico das traduções *domesticadoras* ou *estrangeirizadoras*, ou ainda a questões de ética de tradução, visibilidade do tradutor, entre outras, muito me é cara uma análise do processo tradutório que se deduz do próprio texto, um momento em que se deixa de lado as reflexões teóricas (e que fique claro que este “deixar de lado” não é por se tratar de questões sem relevância) e passa-se a dar atenção exclusiva ao texto, pois o texto é a matéria final, o corolário das reflexões, o saldo permanente de todo o trabalho empregado pelo tradutor.

Outro fator que considero relevante no contexto desta discussão é o leitor, aquele que, quando cita ou comenta o texto traduzido que leu, colabora no processo que determina o livro. A tradução é uma parte de todo o processo que um livro sofre, a recepção desse texto em outras línguas é uma característica que ele já carrega antes mesmo de estar concluído. E os leitores finais do texto traduzido fazem parte desse processo. Penso que sem eles o ciclo não se fecha. Para tanto é preciso que tais leitores finais reconheçam, numa determinada sociedade, que leram tal ou qual romance, que esse reconhecimento se dê no sentido de, ao serem questionados, poderem afirmar indubitavelmente que leram, sim, o *Ulysses*, de James Joyce – por mais que de *Ulysses* ou de Joyce o texto não tenha mais nada, no sentido mais pernóstico da metáfora. Que reconheçam o enredo, os nomes dos personagens, o contexto da obra, ou seja, a macroestrutura da obra, que, minimamente, deve ter sido mantida no momento da troca de sistema lingüístico. Para corroborar todas essas impressões, invoco Umberto Eco e o seu *Quase a mesma coisa*:

Donde, traduzir quer dizer entender o sistema interno de uma língua, a estrutura de um texto dado nessa língua e construir um duplo do sistema textual que, submetido a uma certa descrição, possa produzir efeitos análogos no leitor, tanto no plano semântico e sintático, quanto no plano estilístico, métrico, fono-simbólico, e quanto aos efeitos passionais *para os quais tendia o texto fonte*. (ECO, *Quase a mesma coisa*, p. 17-18) (grifos meus)

Umberto Eco, em seu livro, comenta diversas questões pertinentes à tradução, e estritamente à ela. Por ser um tradutor experiente e um autor muito traduzido, apresenta inúmeros exemplos, sempre se colocando do ponto de vista do tradutor ou do leitor, pensando, por um lado nos problemas que os tradutores podem vir a ter no processo de tradução de suas obras e, por outro, em como as soluções dos tradutores afetarão a leitura do destinatário final.

Isso é tradução.

Tradução não é feita somente na academia, por ela e para ela.

Tradução é muito mais do que isso, e o *muito-mais-do-que-isso* deve ser levado em consideração.

### Conclusões

Após todo o processo descrito na Introdução e toda a discussão que se desenvolveu até aqui, conclui-se que Galindo cumpriu seus dois propósitos iniciais de forma bastante eficaz.

Quanto ao primeiro propósito, o de derivar da obra, do *Ulysses*, uma teoria do romance e de aplicar tal teoria na leitura do trabalho de Bakhtin, aproximando Joyce e Bakhtin, me parece claro que a proposta se cumpriu de forma exemplar. Galindo conseguiu analisar o *Ulysses* no seus detalhes mais particulares. Por se tratar de uma obra de fôlego e de grande importância, por inúmeros motivos, que vão desde seu papel social até sua influência em toda a Literatura (tanto que se fez conhecida a expressão *pós-Ulisses* para designar um tipo específico de produção literária que sofreu as conseqüências daquela publicação), foi muito sensato de sua parte deixar que o romance mostrasse como deveria ser lido. E trazer Bakhtin para essa discussão não foi nada despropositado. Como Galindo enunciou em algum momento em sala de aula, Bakhtin é o melhor teórico para se tratar de mecanismos que são exclusivamente prosaicos; nenhum outro teórico o fez e ele tem os instrumentos certos para tratar do romance, que é o gênero central de sua obra.

Quanto ao segundo propósito, a produção de uma tradução do *Ulysses* se mostrou totalmente pertinente ao primeiro objetivo. Concordo com Galindo quando ele afirma que a única maneira de assimilar e entender verdadeiramente o texto joyceano é através da tradução. O tradutor é o leitor ideal com uma lente de aumento. Ele não pode simplesmente deixar passar um trecho que não entendeu e continuar seu trabalho; ao contrário, é justamente o tradutor que deve entender cada particularidade do texto, o qual assumirá como sendo seu. E para isso, não lhe é permitido abstrair.

O grande anexo da tese de Galindo é o começo e o fim de seu trabalho – a tradução acaba por ser, inevitavelmente, o seu ponto de partida e de chegada. Infelizmente este trabalho não pôde contar com críticas e comentários provenientes de leitores e/ou da imprensa. Todas as impressões que se encontram aqui são pessoais e provenientes de discussões com o grupo, composto pelos colegas de graduação Jonathas Duarte e Áureo Neto<sup>2</sup>, e por mim, juntamente do nosso orientador. Resta aguardar pa-

---

<sup>2</sup> Vide seus artigos publicados nesta mesma edição da *Scientia Traductionis*.

ra verificar se algumas das questões discutidas neste trabalho com relação à tradução de Galindo se sustentam quando da (aguardada) publicação de sua tradução.

*Fabrizia Carvalho Ribeiro*  
*fah.ribeiro@gmail.com*  
*Universidade Federal do Paraná*

### Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. Rio de Janeiro, Record, 2007.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GALINDO, Caetano Waldrigues. *Abre aspas: a representação da palavra do outro no Ulysses de James Joyce e seu possível convívio com a palavra de Bakhtin*. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo, orientador: José Luiz Fiorin, 2006.

GIFFORD, Don. *Joyce Annotated*. Berkeley: University of California Press, 2008.

JOYCE, James. *Ulysses*. (GABLER, Hans Walter, ed.; MELCHIOR, Claus & STEPPE, Wolfhard, cols.). Londres: The Bodley Head, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ulisses*. (HOUAISS, Antônio, trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ulisses*. (PINHEIRO, Bernardina da Silveira da, trad.) Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

QUIRINO, Maria Teresa. *Uma odisséia tradutória do Ulysses: análise das traduções da obra de James Joyce*, Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, orientador: John Milton, 2007.